

Pancada no trabalhador

20 NOV 1997

GAZETA MERCANTIL

José Zunga *

O pacote econômico de FHC é de uma falta de sensibilidade sem limites. Mantém arrocho salarial, pretende demitir 33 mil servidores, aumenta o preço dos combustíveis e de tarifas públicas, aumenta o imposto de renda das pessoas físicas, penalizando duramente o assalariado e a classe média, e poupa cinicamente as grandes fortunas, o capital especulativo e o lucro extraordinário de empresas e bancos.

Mais do que um pacote de medidas para proteger o Plano Real, o que o governo fez foi, realmente, abrir o seu "saco de maldades", gerando desespero, tensão, choro. Isso porque, mais uma vez, a carga deste pacote vai pesar nos ombros dos trabalhadores brasileiros e de seus familiares. O fato é que a arrogância do governo não permitiu que ele avaliasse o alerta da sociedade e as propostas da oposição no Congresso Nacional. O resultado está aí. É evidente e grave a responsabilidade do governo pela crise econômica do país. É a face cruel de uma supervalorização do câmbio e do endividamento sem limites no exterior. Se por um lado a política cambial atrai capitais voláteis, por outro destrói o comércio e a indústria ao estimular a importação.

Ao invés de procurar atender aos anseios da maioria da população, que clama por empregos, saúde, educação, terra e moradia, o governo dá mais uma pancada na cabeça dos trabalhadores. Como não bastasse mais de três anos de arrocho salarial, agora ele responde com este pacote. Ele alega que o sacrifício é necessário para colocar o país ao abrigo das bolsas de valores. Porém, esse mesmo governo se esquece que os trabalhadores brasileiros apenas são convocados para dividir os prejuízos, e nunca para receber al-

guma coisa quando essas bolsas estão no auge da ciranda que envolve trilhões de dólares em todo o mundo, em apenas um dia de especulações. O governo preocupa-se em perpetuar-se no poder e acha que vai consegui-lo com a estabilização da moeda, mesmo que isso signifique quebrar o país, aumentar a fome e a exclusão social.

O mais grave, ainda, é que o governo optou, sem qualquer constrangimento, pela recessão e pelo aprofundamento da crise social, fazendo cortes nas áreas de interesse dos mais pobres para aliviar, como sempre, a situação dos mais ricos, garantindo a absurda remuneração que os capitais externos especulativos e os grandes detentores de títulos públicos passarão a ganhar com o explosivo aumento dos juros, jogando o país à mercê do "cassino financeiro global".

Salva-se o patrimônio das principais fortunas do país e dos agentes financeiros especulativos, e quem paga a conta são todos os trabalhadores do setor privado e público, aposentados e pensionistas. Que bom se a equipe econômica do governo tivesse a sensatez de mudar esse modelo de economia implementado pela orientação conservadora do "estadista papa-frango", que controla o PSDB, e o "estadista do acarajé", que controla o PFL.

Como se vê, é chegada a hora de os movimentos sindicais, sociais e populares conduzirem todas as suas forças contra esse governo que estimula o desmonte dos serviços públicos e as demissões e, sequer, destina um centavo que favoreça a melhoria da máquina administrativa e a criação de empregos. Aliás, governo que atinge direitos adquiridos, mas que tem dificuldade em taxar banqueiros e especuladores. No entanto, não pestaneja na hora de humilhar e massacrar o cidadão brasileiro.

* Presidente da CUT-DF